

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
Trabalho temático de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Homossexualidade e homoafetividade em “Morangos Mofados”

Tatiani Meneghini da Silva

São Paulo
2017

Tatiani Meneghini da Silva

Homossexualidade e homoafetividade em “Morangos Mofados”

Trabalho temático do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo
2017

Catálogo na fonte

**MENEGHINI, Tatiani. Homossexualidade e
Homoafetividade em “Morangos Mofados”. São Paulo:
FESPSP, 2017.**

Tatiani Meneghini da Silva

Homossexualidade e homoafetividade em “Morangos Mofados”

Trabalho temático do 1º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

11/06/2017.

Banca examinadora:

Profa. Ms. Daniele Cristina Gonçalves Brene Pires

Profa. Esp. Maria das Mercês Pereira Apostolo

Profa. Ms. Adriana Maria de Souza

Prof. Ms. José Mário de Oliveira Mendes

Profa. Dra. Carla Regina Mota Dieguez

Profa. Esp. Maria Rosa Crespo

Prof. Dr. Ivan Russeff

Prof. Msc. Wanderson Scapechi

**Dedico a todxs xs que
vieram e xs que virão, à luta
LGBT e a todos espíritos
livres.**

Agradecimentos

Este trabalho deve à produção incessante de Caio Fernando Abreu que serviu como inspiração para produzir uma análise que focasse os aspectos do universo LGBT na literatura. Agradeço a toda produção que enxerga de novas formas os sujeitos e suas relações. Agradeço a todos que me ajudaram a refletir e me escutaram sobre os temas propostos: Thais, Jáderson, Bruno, Ana. Agradeço à minha família pelo apoio mútuo. Agradeço à luta LGBT por ter me revestido de força e coragem, para além do texto, na minha luta diária por todos os preconceitos que sofremos, velados ou não. Por fim, agradeço à FESPSP por possibilitar um espaço livre e de reflexão, tão necessário para tal produção.

*“Living is easy with eyes closed
Misunderstanding all you see
(...)
Let me take you down
'Cause I'm going to strawberry fields”.*
(The Beatles)

Resumo

O presente trabalho pretende analisar os contos “Aqueles dois” e “Os sobreviventes (Para ouvir ao som de Ângela Ro-Ro)”, ambos presentes na obra “Morangos mofados”, de Caio Fernando Abreu, a partir dos conceitos e discussão da homossexualidade e homoatividade. O objeto de desejo, pessoas do mesmo sexo, se mostra inalcançável, a busca do amor que não se efetiva, portanto, o desejo que não se realiza. Utilizando de alguns textos-base da psicologia sobre desejo e sexualidade, como Michel Foucault e Jacques Lacan, textos que se pautam no tema da homossexualidade, e da psicologia afirmativa ao tratar especificamente sobre os desdobramentos nas relações homoafetivas, pretendemos ampliar a leitura da obra de Caio F.

No primeiro momento, discutiremos os conceitos de sexualidade, desejo e afeto homo, sendo os três conceitos chave de discussão que se apresentam nos contos do livro “Morangos Mofados”. Após a explicitação dos três aspectos, discutiremos como se articulam em cada um dos contos. Com isso, pretendemos ampliar parte da análise de produção de Caio Fernando Abreu, além de elucidar sobre a cultura homossexual, hoje articulada em torno das questões LGBTs.

Palavras-chave: Caio Fernando Abreu; Morangos Mofados; Homossexualidade; Homoafetividade; Homoerotismo; Identidade Homossexual; Cultura LGBT.

Resumen

La investigación analiza los cuentos “Aqueles dois” e “Os sobreviventes (Para ouvir ao som de Ângela Ro-Ro)”, presentes en la obra “Morangos Mofados”, de Caio Fernando Abreu, a partir de los conceptos y la discusión acerca de la homosexualidad y de la homoafectividad. El objeto de deseo se muestra inalcanzable, la búsqueda del amor no se efectiva, por lo tanto, el deseo no se realiza. Es necesario apoyarse en algunos textos base de la psicología sobre deseo y sexualidad, como Michel Foucault y Jacques Lacan, algunos que pautan el tema de la homosexualidad, y de la psicología afirmativa que trata sobre los desdoblamientos de las relaciones homoafectivas, para ampliar la lectura de la obra de Caio F.

En el primer momento, se discute los conceptos de sexualidad, deseo y afecto homo, los tres conceptos clase de discusión que se presentan en los cuentos de “Morangos Mofados”. Posteriormente, se pretende ampliar parte de la análisis de la producción de Caio Fernando Abreu, además de aclarar sobre la cultura homosexual, articulada hoy alrededor de la causa LGBT.

Palabras clave: **Caio Fernando Abreu; Morangos Mofados; Homosexualidad; Homoafectividad; Homoerotismo; Identidad Homosexual; Cultura LGBT.**

Sumário

1. Homo: sexualidade, desejo e afeto	11
1.1 Homossexualidade	12
1.2 Desejo: homoerotismo e objeto de desejo	16
1.3 Homoafetividade	17
2. Impossibilidades: homo	20
2.1 Desejo e sexo: negação em “Os Sobreviventes”	20
2.2 Desejo e afeto: complexidade da relação em “Aqueles dois”	24
3. Impossibilidades do percurso	34
4. Considerações finais	37
5. Bibliografia	38

1. Homo: sexualidade, desejo e afeto

A partir da elaboração da homossexualidade, pretendemos trilhar o percurso da afetividade em relações homo, ou seja, entre pessoas do mesmo sexo. Na obra de Caio Fernando Abreu, “Morangos mofados”, selecionam-se dois contos que dão conta dessa leitura.

Um dos marcos para a construção de um saber sobre a homossexualidade se vincula às lutas pelos direitos civis, nos EUA, a partir de 1960. É no debate das lutas de “minorias”, entendidas enquanto grupos com menor representação de poder na sociedade, como as questões dos negros, que se explora e combate ao racismo, ao machismo e ao patriarcalismo e que se explora o feminismo.

Os acontecimentos históricos que são entendidos como importantes ações dos direitos homossexuais são a Batalha de Stonewall, em 1969. O bar Stonewall-Inn, localizado em Nova York, foi o local onde gays e lésbicas se reuniam e passaram a sofrer com a censura e repressão policial. No dia 28 de junho, após a polícia levar pessoas frequentadoras presas, iniciou-se um enfrentamento que, após dois dias de resistência intensa, culminou com a polícia deixar de censurar o bar. A data é reconhecida internacionalmente como o Dia do Orgulho Gay e Lésbico, posteriormente chamado de Dia do Orgulho LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). A Batalha chamou a atenção de homossexuais e travestis de diversos países, além dos EUA, pois começou a pensar a homossexualidade em uma atuação política de busca de direitos.

A homossexualidade adquiriu diversas teorias no transcorrer do desenvolvimento dos saberes científicos da psicologia e psiquiatria. A ideia de que a homossexualidade era um transtorno mental se iniciou com Richard von Krafft-Ebing, em seu livro “Psychopathia Sexualis” de 1886, que seria provocada por uma ‘inversão congênita’ adquirida ou no decorrer da vida¹. Em 1952, a Associação Americana de Psiquiatria a classificou como desordem de transtorno mental. Com a falta de provas da teoria, a própria Associação retirou, em 1975, sua classificação de transtorno. Em 1977, a Organização Mundial de Saúde (OMS) a inclui na

¹ OMS retira a homossexualidade da lista de doenças mentais. Opinião e Notícia. Disponível em: <<http://opinioenoticia.com.br/internacional/oms-retira-homossexualidade-da-lista-de-doencas-mentais/>>. Acesso em: 20 maio 2017.

Classificação Internacional de Doenças (CID). A partir de 1970, há a profusão de pesquisas e de saberes sobre a sexualidade, nas áreas de ciências sociais, as quais discutiram temas essenciais sobre a homossexualidade, como o sistema de representação *passividade/feminilidade x ativo/masculinidade* (CITELLI, 2005, 24). O termo homossexualidade é caracterizado em oposição ao termo homossexualismo, que entendia as inclinações homo enquanto patologia através do uso do prefixo -ismo, significado de doença. Somente em 17 de maio de 1990 que a OMS retira a homossexualidade da lista de patologias internacionais.

O movimento LGBT no Brasil se inspirou nos movimentos de direitos civis dos EUA. Porém foi no movimento feminista, ao dissociarem o direito reprodutivo da mulher do direito sexual e de seu prazer, que avançou o debate sobre a sexualidade. O Conselho Federal de Psicologia só retirou a homossexualidade enquanto doença em 1985.

Nesse eixo que pretendemos nos articular, uma vez que alguns saberes e práticas já foram produzidas no que tange à cultura LGBT.

1.1 Homossexualidade

“Sexo é na cabeça: você não consegue nunca. Sexo é só na imaginação. Você goza com aquilo que imagina que te dá o gozo, não com uma pessoa real, entendeu? Você goza sempre com o que tá na sua cabeça, não com quem tá na cama. Sexo é mentira, sexo é loucura, sexo é sozinho, boy.” Dama da Noite, Caio Fernando Abreu.

Antes do século XVIII, no Ocidente, não havia diferença de sexos, prevalecendo durante milênios a noção de que a mulher seria um ‘homem invertido’, conhecido como *one-sex model*. Anatomicamente, o modelo tratava o “útero era o escroto feminino, os ovários eram os testículos, a vulva um prepúcio e a vagina era um pênis” (LAQUEUR apud SOUZA, 2010, p. 27). Com isso, se respalda a inferiorização da mulher através de teorias sexuais. Após esse século, instaura-se o *two-sex model*, fazendo distinção entre os sexos (homem e mulher) como também, cria as categorias sexuais: heterossexual e homossexual (SOUZA, 2010, p. 28). As duas categorias se sustentam através da oposição entre os dois termos, bem como se relacionam com o segundo modelo sexual dos sexos. A normatividade baseada no segundo modelo passa a vincular as duas sexualidades no poder social exercido por alguns desses indivíduos: homens e heterossexuais.

Ao tratar sobre as regularidades e normalizações da história da sexualidade, Michel Foucault analisa o Ocidente até o final do século XVIII e acompanha as regularidades das práticas sexuais baseadas nos eixos do direito canônico, da pastoral cristã e lei civil. Esses eixos se centram nas relações matrimoniais - por exemplo, o dever conjugal, a capacidade de desempenhá-lo, a forma pela qual era cumprido, as exigências e as violências que o acompanhavam”, etc. Ao passo que, na passagem para o século XIX, o discurso acerca da sexualidade se modifica por duas forças: o movimento centrífugo do matrimônio heterossexual e os discursos das outras sexualidades, até então silenciadas:

Evidentemente, o campo das práticas e dos prazeres [do matrimônio heterossexual] continua a apontá-la como sua regra interna. Mas fala-se nela cada vez menos; em todo caso, com crescente sobriedade. (...) O casal legítimo, com sua sexualidade regular, tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa. Em compensação o que se interroga é a sexualidade das crianças, a dos loucos e dos criminosos; é o prazer dos que não amam o outro sexo; os devaneios, as obsessões, as pequenas manias ou as grandes raivas. Todas estas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são. Sem dúvida não são menos condenadas. Mas são escutadas; e se novamente for interrogada, a sexualidade regular o será a partir dessas sexualidades periféricas, através de um movimento de refluxo (FOUCAULT, 1988, p. 39).

A partir do discurso médico, psicológico e psiquiátrico, a homossexualidade será definida, a partir do artigo de Westphal em 1870, mais como uma “certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de interverter, em si mesmo, o masculino e o feminino”, menos que um tipo de relação sexual². Portanto, o homossexual do século XIX se torna uma personagem, com “um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida” (FOUCAULT, 1988, p. 43), enquanto uma natureza singular.

A homossexualidade é subjugada, através do discurso médico, psicológico e psiquiátrico, sob o domínio do controle que produz o poder e o prazer. Segundo a linha foucaultiana, “o poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela” (FOUCAULT, p. 45). O prazer é difundido pela mesma força do poder cerceador. Ao contrário do que se imagina do objetivo do exame médico de deslegitimar as sexualidades errantes ou improdutivas, incitam o prazer e o poder.

² FUNDAÇÃO Bunge. Uma História de Orgulho. Jornal Cidadania, ed. online 12, abr. 2013. Disponível em: <http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania/materia.php?id=12423&/uma_historia_de_orgulho>. Acesso em: 09 jun. 2017.

Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travestí-lo (FOUCAULT, p.45).

No conto “Os sobreviventes (Para ouvir ao som de Ângela Ro-Ro)”, fica evidente que quanto mais o casal heterossexual controla sua sexualidade mais aumenta o desejo de explorar a homossexualidade, com uma análise mais completa no subcapítulo que o corresponde. É interessante notar a análise que Warley Matias de Souza faz da homofobia, a caracterizando mais em relação à aversão ao feminino que ao desejo homoerótico em si (SOUZA, 2010, p. 36). Portanto, qualquer pessoa homofóbica, segundo essa análise, recusa o aspecto feminino, à ameaça que o feminino representa ao masculino.

Através da construção de um novo saber que despatologiza a homossexualidade, novas práticas são construídas dentro da comunidade LGBT. O marco da Batalha de Stonewall, apresentado anteriormente, constituiu uma nova forma de atuação dentro da comunidade: a militância e o movimento LGBT. Com isso, não só devemos tratar sobre o processo de identidade de pessoas LGBTs, como também, a identidade do aspecto social, enquanto comunidade e movimento.

O movimento LGBT, enquanto rede de relações sociais, no Brasil, de indivíduos e organizações da sociedade civil, objetivam “a *emancipação* ou a obtenção de *cidadania plena para os(as) homossexuais* ou outras identidades sexuais” (FACCHINI apud NASCIMENTO; NETO, 2012, p. 2). No período da Ditadura Militar (1964-1985), principalmente após o Ato Institucional 5 (13 de dezembro de 1968) que suspendia os direitos políticos, foram proibidas atividades e manifestações de natureza política e definida a liberdade vigiada³, causando o retardamento da formação e organização do movimento. Desse modo, a organização do movimento LGBT, apesar de retardada, foi fortalecida enquanto movimento de resistência frente a repressão e censura enfrentada pelo período político. A organização e formação do movimento, aconteceu:

No fim dos anos 1970, diversos grupos começaram a se mobilizar e formar coletivos de enfrentamento à opressão do Estado, e ao preconceito contra a população LGBT, em defesa de seu reconhecimento e de seus direitos (MEMÓRIAS⁴).

³ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em 31 maio 2017.

⁴ Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

Até o final da década de 70, a comunidade LGBT se restringiu à espaços de sociabilidades em *guetos*, onde afirmavam sua identidade integralmente. Podemos listar, conforme o projeto “Memórias da Ditadura”, do Instituto Vladimir Herzog, os seguintes fatos históricos:

- A “Comissão de Investigação Sumária” do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), de 1969, reprimia homossexuais, alcoólatras e pessoas consideradas emocionalmente instáveis. O órgão, após o AI-5, cassou 44 funcionários.
- Durante a administrações de Paulo Egydio Martins e Paulo Maluf, em São Paulo (1975-1982), foram instauradas rondas policiais no centro da cidade que abordaram violentamente e prendiam pessoas pela suposta prática de vadiagem. Em média, 300 a 500 pessoas eram detidas aos finais de semana.
- Publicações dirigidas ao público homossexual como o "Lampião da Esquina" (1978-1981)⁵ eram monitoradas e tinham sua divulgação dificultada. A censura também chegava à peças de teatro, impedidas de entrar em cartaz, filmes foram retirados das salas de cinema por todo o país e, também, programas e propagandas televisivas⁶.

As primeiras tentativas, então, de organização política de homossexuais no país, datam de 1979 e, segundo o “Memórias da Ditadura”, o primeiro encontro da comunidade LGBTs militante, ocorreu no Rio de Janeiro. Em 13 de julho de 1980 acontece em São Paulo o primeiro protesto organizado contra os abusos do delegado José Wilson Richetti, que levou 1.500 pessoas à prisão⁷. Assinam a carta aberta publicada para esse protesto, publicada no texto de Babi Borges⁸, diversos grupos do movimento. A data é considerada a primeira manifestação precursora da Parada do Orgulho Gay de São Paulo, posteriormente conhecida como a Parada do Orgulho LGBT. Somente em 1995, a primeira organização a nível nacional é

⁵ Publicado pela Editora Lampião, teve o total de 38 edições, sendo que em cada edição circulava de 10 a 15 mil exemplares no país. Ver mais: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

⁶ Disponível em: <<http://memoriasdeditadura.org.br/lgbt/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

⁷ BORGES, Babi. 1980: Surge o movimento homossexual brasileiro. PSTU, jul. 2009. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/1980-surge-o-movimento-homossexual-brasileiro/>>. Acesso em: 31 maio 2017.

⁸ Idem.

fundada, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)⁹.

1.2 Desejo: homoerotismo e objeto de desejo

“Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade - voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade”. A mais justa das saias, Caio Fernando Abreu.

A obra de Caio Fernando Abreu é perpassada por personagens tensionadas e inclinadas ao homoerotismo. Erotismo é considerado como um estado de excitação sexual. Sua definição tem origem na mitologia grega, na figura de Eros, filho de Afrodite, a deusa do amor; um cupido jovem e bonito que simboliza as forças primitivas da paixão e da ligação entre seres humanos. Quando Eros aponta sua flecha para seres humanos e deuses os embute de desejo, fantasia e o próprio impulso erótico. Eros desperta, através de suas flechas, o desejo de cada indivíduo de se completar e se fundir a seu objeto. Seu maior impulso trata do desejo pela vida, simbolizado pela paixão. Na abordagem clássica, Eros é o impulso de desejo e seu próprio desejo de se fundir ao objeto.

A abordagem psicanalítica de Jacques Lacan afirma: “Amar é dar o que não se tem a alguém que não quer” (1975). O desejo, segundo o psicanalista, convoca a presença do outro, o objeto incompleto. A incompletude do próprio desejo é observado nos dois contos selecionados nesta pesquisa. O amor é a incompletude da própria concretização do desejo através de uma relação sexual.

Louis Crompton (1978), em seu artigo “Gay genocide: from Leviticus to Hitler”, ao relatar a falta de documentação referente ao genocídio gay de toda a história mundial, podemos estender a falta de referências do homoerotismo o que provoca a invisibilidade desse desejo, tanto em estudos históricos quanto na literatura. Por isso, nos adverte Bourdieu (apud SOUZA, 2010, p. 22), que o desejo não é historicamente construído, seguindo a linha foucaultiana, mas sim, as relações de dominação e submissão. O desejo é um “sentimento individual e natural, portanto, pode ser ocultado”, mas não suprimido. Isso faz com que o conservadorismo, dominador, tente conter, reprimir e ditar normas do que é aceitável ou não (apud SOUZA, 2010, p. 22).

⁹ Idem.

Para Jurandir Costa (apud SOUZA, p. 22-23), os mecanismos de identificação sobre o que é a atração sexual se articulam em função do “aprendizado e acordo prático no julgamento do que é ou não sentimento de prazer sexual”, do mesmo modo, a atração, que só pode ser descrita especificamente ao sexual, se não, a atração “pode ser estética ou moral” (SOUZA, p. 23).

1.3 Homoafetividade

A compreensão da homossexualidade enquanto orientação sexual, pautada pela extinção do termo homossexualismo, que além de cair em desuso, acabou com a ideia de patologia da inclinação sexual de mesmo do mesmo sexo, tanto válida quanto a heterossexualidade, uma variação de inclinação sexual. O termo homoafetividade começou a surgir de modo a caracterizar os relacionamentos de orientações sexuais voltadas à pessoa de mesmo sexo. Podemos diferenciá-los desse modo: a homossexualidade é uma orientação sexual, enquanto a homoafetividade, é o exercício dessa orientação, ao relacionamento, com ênfase nos aspectos emocionais, entre pessoas do mesmo sexo.

O termo adquiriu contornos jurídicos, uma vez que está previsto na Constituição Federal de 1988¹⁰ a formação de famílias com laços afetivos. O ordenamento jurídico busca efetivar esse direito de constituição de famílias de pessoas do mesmo sexo, bem como dos direitos de união de casais de pessoas do mesmo sexo. O avanço jurídico possibilitou uma maior discussão na sociedade acerca da união estável, direitos de adoção e novas concepções de relações de pessoas do mesmo sexo. Trata-se, portanto, uma melhor compreensão no exercício da sexualidade de tratar o termo homoafetividade, possibilitando novos saberes e novas práticas no que tange aos desejos e afetos de pessoas do mesmo sexo.

Historicamente, como apresentado nos subcapítulos Homossexualidade e Desejo, a orientação e inclinação erótica entre pessoas do mesmo sexo, foram impossibilitadas do exercício pleno de seu desejo. Sucede por uma produção de saber, muitas vezes vinculado a homossexualidade e o homoerotismo ao pecado, desvio ou à patologia, como identificado por diversos especialistas, religiosos e juristas. Também, identifica-se por levantamentos históricos, uma prática ligada à marginalidade, ao segredo e à não efetivação e vivência do desejo pleno.

¹⁰ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 26 maio 2017.

No caso da homoafetividade, é preciso compreender a dificuldade e complexidade do envolvimento afetivo entre homossexuais, principalmente gays (homens homossexuais). Por isso, Ian Young, em seu livro "The Stonewall experiment" (tradução: A experiência de Stonewall), afirma:

Séculos de repressão e distorção sexual não são rápida e simplesmente ultrapassados, embora possam ser facilmente recondicionados e rotulados de Prazer ou Liberdade. Uma sociedade que transformou a heterossexualidade em um absoluto, não forneceu regras, diretrizes, formas para os homens se relacionarem em nível afetivo e erótico com outros homens... Persistiu apenas uma insistente necessidade sexual". (apud ROTELLO, 1998, p. 76)

A partir do desenvolvimento com ênfase na terapia afirmativa, desenvolvida em 1982, quando Alan Maylon utiliza o termo pela primeira vez, possibilitou uma nova abordagem em uma perspectiva não-tradicional. Segundo Klecius Borges (2009), importante psicólogo dessa corrente no Brasil, a terapia afirmativa homossexual trata a homossexualidade:

(...) de forma positiva e afirmativa, creditando o sofrimento e as dificuldades que lésbicas e gays enfrentam ao heterocentrismo e à homofobia dominantes em nossa cultura (BORGES, 2009, p. 21-22).

Desse modo, pretendemos analisar a afetividade a partir da terapia afirmativa, atuando de modo a analisar as relações sociais entre homossexualidade e heterossexualidade, tornando mais complexa a caracterização da homoafetividade.

As relações homossexuais, além de se diferenciarem quando tratamos de relações entre gays e entre lésbicas, também tendem a se distanciar das relações monogâmicas e tradicionais advindos da heteronormatividade. Em seu livro "Muito Além do Arco-íris: Amor, Sexo e Relacionamentos na Terapia Homoafetiva" (2013), Borges analisa diversos casos clínicos de pacientes e suas possíveis especulações sobre relacionamentos. O livro retrata através de quadros de seus pacientes as motivações pelas quais cada um busca essa terapia, as análises feitas pelo psicólogo e os desdobramentos da terapia. O psicólogo trata mais comumente dos relacionamentos ou das dificuldades de pacientes gays, em detrimento de dois casos entre pacientes lésbicas. Com isso, os relacionamentos homossexuais são colocados sempre à sombra das relações heteronormativas, nas quais se averigua os pares opostos *masculino/ativo x feminino/passivo*, perpetuando uma série de relações de poder. Ainda observa a homofobia presente em muitos de seus pacientes gays que, ao tentarem se relacionarem afetivamente, não conseguem por

dificuldades na aceitação homoafetiva, mesmo que haja aceitação de sua homossexualidade.

Rotello entende a Batalha de Stonewall, importante marco na luta dos direitos homossexuais, como um reflexo que dividiu os:

(...) padrões e no comportamento dos gays. Muitos deles, para os quais o amor e o companheirismo pareciam mais importantes do que a liberdade sexual, se acomodaram com parceiros antigos monogâmicos. (...) Outros, ainda, talvez a maioria, vacilaram entre esses dois mundos, por vezes se restringindo a relacionamentos, outras vezes cedendo às tentações intoxicantes que lhes acenavam das grandes comunidades gays. Porém, quaisquer que fossem suas opiniões ou comportamentos, a maioria dos gays tendeu a presumir que essa grande experiência de liberação humana não era afetada por uma rede mais ampla da natureza à sua volta. (ROTELLO, 1998, p. 76-77).

Por tanto, o movimento LGBT influi na identidade individual e de um grupo, por tratar da busca de direitos individuais e coletivos.

2. (im) Possibilidades: homo

Neste capítulo, relacionamos os conceitos abordados de sexualidade, desejo e afeto nos dois contos de “Morangos Mofados”. De modo organizativo, dividiremos cada análise específica dos contos e depois, incluímos um subcapítulo para relacioná-los entre si, ampliando a discussão de análise.

2.1 Desejo e sexo: negação em “Os Sobreviventes”

O conto “Os Sobreviventes (Para ler ao som de Ângela Ro-Ro)” é dedicado à Jane Araújo, “à magra”, amiga de Caio Fernando Abreu, incluída na Antologia “Teia” (1976)¹¹ e atriz da peça “Sarau das 9 às 11” (1976)¹². Nele, o leitor observa e se adentra ao diálogo entre dois personagens, homem e mulher. Percorremos, através da mudança de vozes fluída, as falas e os pensamentos dos dois, nos quais se elaboram, através de suas sexualidades, desejos e sua relação.

Dois personagens se encontram, um diante do outro, em um fluxo de diálogo e consciência, no qual se misturam ideias, pensamentos e verdades sobre seus desejos. Em suas falas, notamos uma espécie de confissão sobre a impossibilidade da relação sexual entre ele. A personagem afirma: “(...) mas no final das contas os bicos dos meus peitos não endureceram e o teu pau não levantou (ABREU, 2005, p. 11)”. A impossibilidade da concretização de ambos se choca com o desejo que eles assumiram em um ideal heteronormativo de sintonia intelectual:

(...) e eu disse não, meu bem, o que acontece é que como bons-intelectuais-pequeno-burgueses o teu negócio é homem e o meu é mulher, podíamos até formar um casal incrível, tipo aquela amante de Virginia Woolf, como era mesmo o nome da fanchona? Vita, isso, Vita Sackville-West e o veado do marido dela (...) (ABREU, 2005, p. 11).

A percepção de seus desejos os deixam aturdidos. A impossibilidade de efetivarem seus desejos por outros sujeitos extraconjugal, como também a de assumirem sua sexualidade e seu desejo homossexual, os leva a crises existenciais:

(...) madrugada e alugo a cabeça dum panaca qualquer choramingando coisas tipo preciso-tanto-uma-razão-para-viver-e-sei-que-essa-razão-só-está-dentro-de-mim-bababá-bababá e me lamurio até o sol pintar atrás daqueles edifícios sinistros, mas não se preocupe, não vou tomar nenhuma medida

¹¹ PEREIRA, Valéria de Freitas. Caio Fernando Abreu em Inventário do irremediável: navegante de águas turvas. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-12022009-123615/publico/DISSERTACAO_VALERIA_FREITAS_PEREIRA.pdf>. Acesso em 15 maio 2017.

¹² MASSA, Clóvis Dias. Um Dínamo Revolucionário: Grupo De Teatro Província. Canoas: Mouseion n.16, dez-2013, p. 9. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1331/1002>>. Acesso em: 15 maio 2017.

drástica, a não ser continuar, tem coisa mais autodestrutiva do que insistir sem fé nenhuma? Ah, passa devagar a tua mão na minha cabeça, toca meu coração com teus dedos frios, eu tive tanto amor um dia, ela pára e pede, preciso tanto tanto tanto, cara, eles não me permitiram ser a coisa boa que eu era (...). (ABREU, 2005, p. 13).

Como discutido anteriormente, a paixão da Grécia Clássica enquanto oposto ao amor, enquanto simpatia e conexão intelectual profunda. Pois não é assim que os dois personagens se reconhecem? Sabem da sua extrema ligação, de tantas conversas sobre livros, cultura, mútuo entendimento psíquica e reflexiva, no entanto, permanece o desencanto pela experiência de viver integralmente seus desejos:

(...) eu então estendo o braço e ela fica subitamente pequenina apertada contra meu peito, perguntando se está mesmo muito feia e meio puta e velha demais e completamente bêbada, eu não tinha estas marcas em volta dos olhos, eu não tinha estes vincos em torno da boca, eu não tinha este jeito de sapatão cansado, e eu repito que não, que nada, que ela está linda assim, desgrehada e viva, ela pede que eu coloque uma música e escolho ao acaso o Noturno número dois em mi bemol de Chopin (...) (CAIO, 2005, p. 13-14).

A personagem cita no conto o *Ferro's Bar*, importante bar de lésbicas, no centro de São Paulo, que representou a resistência lésbica em 19 de agosto de 1983, ao lançarem o manifesto de direitos das lésbicas¹³. O acontecimento se deu após a proibição do bar à revista "Chana com Chana", produzida pelo Grupo Ação Lésbica Feminista e distribuída para venda no referido bar¹⁴, quando forçam a entrada e lêem em voz alta o manifesto sobre os direitos das mulheres lésbicas e contra a repressão que estavam sofrendo. Esse levante fez com que o dono do bar pedisse desculpas publicamente, como consequência, o bar passou a ser mais frequentado por lésbicas. O bar foi um importante ponto de encontro na cidade de São Paulo de reunião e encontros de lésbicas, por isso, no conto, a personagem, ao afirmar se sentir atordoada pela sua "sede de sapatinhas do Ferro's Bar", diminutivo de sapatão, apelido dado à lésbicas (ABREU, 2005, p. 13) .

É preciso analisar o complexo emaranhado do conto "Os Sobreviventes". A negação do desejo, vivido de forma integral e sem amarras sociais, bem como do sexo, confessado em algumas passagens, provoca o desconsolo, melancolia e falta de fé, conforme elucidado pela personagem:

¹³ "Bar das lésbicas entra na história". Urbanidade, Folha de S. Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/urbanidade/gd260603.htm>>. Acesso em: 15/05/2017.

¹⁴ "O Levante ao Ferro's Bar: A história não contada do 'Stonewall' brasileiro". Redação. Nós2, 10 out. 2016. <<http://www.nos2.co/2016/10/o-levante-ao-ferros-bar-a-historia-nao-contada-do-stonewall-brasileiro/>> Acesso em: 15/05/2017.

Mas, eu quero dizer, e ela me corta mansa, claro que você não tem culpa, coração, caímos exatamente na mesma ratoeira, a única diferença é que você pensa que pode escapar, e eu quero chafurdar na dor deste ferro enfiado fundo na minha garganta seca que só umedece com vodca, me passa o cigarro, não, não estou desesperada, não mais do que sempre estive, nothing special, baby, não estou louca nem bêbada, estou é lúcida pra caralho e sei claramente que não tenho nenhuma saída, ah não se preocupe (...) (ABREU, 2005, p. 13).

Ela, parece adquirir uma maior lucidez, quando comparada à ele. Ela entende as sutilezas do beco sem saída que se encontram os dois. Ela é a primeira a afirmar, no começo do conto, sobre os desejos homo dos dois (p. 11). Suas falas se tornam o mote para tratar da homossexualidade dos dois, uma vez que ele, não afirma nada, se torna calado enquanto ela afirma e reafirma a inclinação sexual dos dois:

(...) e ela fica subitamente pequenina apertada contra meu peito, perguntando se está mesmo muito feia e meio puta e velha demais e completamente bêbada, eu não tinha estas marcas em volta dos olhos, eu não tinha estes vincos em torno da boca, eu não tinha este jeito de sapatão cansado, e eu repito que não, que nada, que ela está linda assim, desgrenhada e viva (...) (ABREU, 2005, p. 14).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) só desvinculará o termo “homossexualismo”, enquanto patologia internacional, em 17 de maio de 1990. Por isso que os personagens vivem a desolação, pois a homossexualidade, como passou a ser cunhado o termo até os tempos atuais, ainda se vinculava à doença. A sexualidade e o desejo homo permaneceu como elemento desviante se comparado à heteronormatividade, regra de que as relações e orientações sexuais ditas normais são as hetero, marginalizando os indivíduos que não correspondem à orientação por pessoas do outro sexo.

No conto predominam as referências culturais homossexual da época, principalmente no que tange ao universo lésbico. Isso acontece pela própria personagem ser a porta voz de sua sexualidade e desejo, bem como as do companheiro. Além citações já tratadas na análise, o caso de amor entre Vita Sackville-West e Virgínia Woolf, o Ferro's Bar, outra importante figura lésbica é citada diversas vezes. Se trata da cantora Ângela RoRo, que, além do título (“Para ler ao som de Ângela Ro-Ro”), é mencionada três vezes.

Ângela RoRo, com suas variações de nome a partir de um apelido que se refere à sua voz, nasceu no Rio de Janeiro em 5 de dezembro de 1949. Em seu álbum de estreia autointitulado e lançado em 1979 foi o que trouxe sucesso,

principalmente pela faixa “Amor meu grande amor” (letra de Ana Terra), que também aparece no conto. Foi a primeira cantora da MPB a se assumir publicamente como homossexual¹⁵. Sempre que subia aos palcos, era comum a cantora dizer: “Vocês sabem: eu sou a única cantora lésbica da MPB”. Sofreu violência física durante o período da Ditadura Militar (1964-1985) por sua orientação sexual, o que lhe acarretou um problema na visão e também protagonizou diversos escândalos, principalmente por seu relacionamento com a também cantora Zizi Possi¹⁶.

A exploração do universo cultural lésbico brasileiro nos remete à importância da personagem. Novamente, ela assume no conto uma singularidade capaz de refletir, reconhecer e ambientar a homossexualidade. Transmite não somente seus desejos e suas inclinações, como também os de seu companheiro. Além disso, se existe uma maior dificuldade ao tratar da homossexualidade histórica e culturalmente, mais dificuldade ainda, tem o universo lésbico, em comparação aos gays.

A partir do cenário apresentado, de desolação pela negação do desejo e da própria sexualidade dos dois personagens. No entanto, o conto se encerra com um trecho que os conduz à esperança:

Por trás da madeira, misturada ao piano e à voz rouca de Ângela, nem que eu rastejasse até o Leblon, consigo ouvi-la repetindo e repetindo que tudo vai bem, tudo continua bem, tudo muito bem, tudo bem. *Axé, axé, axé!* eu digo e insisto até que o elevador chegue axé, axé, axé, *odara!* (ABREU, 2005, p. 14).

O conto adquire extrema importância em relação à temática e sua ligação com os outros contos do livro. Ele trata mais especificamente do universo lésbico, quando dá maior voz e capacidade de reflexão à personagem. Por isso, o conto se difere dos outros dois contos que serão analisados nesta pesquisa, uma vez que dá voz ao e sobre o desejo lésbico.

2.2 Desejo e afeto: complexidade da relação em “Aqueles dois”

O conto “Aqueles dois” trata sobre questionamento da amizade entre dois homens a ponto de todas as pessoas da repartição, onde trabalham, insinuarem um afeto para além da fraternidade. Devemos pensar sobre as categorias de afeto e em

¹⁵ Disponível em: <<http://www.dm.com.br/cultura/2015/12/a-forca-renovadora-de-angela-ro-ro.html>>. Acesso em 22 maio 2017.

¹⁶ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2016/04/luiza-possifala-da-relacao-amoro.sa-da-mae-com-angela-ro-ro-quando-nasci-nao-estavam-mais-juntas.html>>. Acesso em 22 maio 2017.

sua forma homo, para nos aproximarmos da relação entre os dois personagens centrais. Nos debruçamos, para além do desejo homossexual, a relação afetiva entre “aqueles dois”, em sua divisão interna: fraternidade masculina ou homoafetividade?

Sobre a fraternidade masculina, podemos começar pelo significado do termo. Segundo o dicionário *on-line* Priberam¹⁷:

fra·ter·ni·da·de (latim *fraternitas, -atis*)
substantivo feminino

1. Parentesco de irmãos ou irmãs. = IRMANDADE
2. União ou .afeto entre irmãos. = CONFRATERNIDADE
3. Amor ou .afeto em relação ao próximo. = FRATERNIZAÇÃO
4. Boa convivência ou harmonia entre as pessoas. = FRATERNIZAÇÃO

A fraternidade masculina é aceita socialmente, mas só no que toca à união entre seus pares. Quando tratada enquanto desejo mútuo, um companheirismo entendido em termos homoerótico, causa estranheza. É assim que os dois personagens do conto são vistos pelos colegas do trabalho, com olhares e frases de reprovação da aproximação entre os dois.

Gabriel Rotello, em seu livro “Comportamento homossexual e AIDS”, ao refletir sobre a construção das comunidades gays dos EUA, nos apresenta o panorama delas. No pós Segunda Guerra Mundial, muitos desertores das Forças Armadas estadunidenses gays e lésbicas acabaram por se concentrar em cidades da costa, San Francisco, como retrata Rotello (1998, p. 70). É a partir da formação desses grupos que passam a construir uma identidade positiva, ao contrário do que era corrente, gays e lésbicas vistos negativamente dentro da sociedade. A consequência da mudança de valor das identidades homossexuais foi o estabelecimento de uma cultura pautada e centrada no grupo, com características específicas sobre símbolos, comportamento, subjetivação, relacionamentos, lugares de frequência, artes e outras tantas.

Nesse sentido, é preciso retomar a discussão presente dentro do universo LGBT sobre a diferença entre os pares masculinidade/ativo x feminilidade/passivo, conforme tratado por Citelli (2005). O perfil do homem afeminado, traçado no século XIX, recriminava esse indivíduo, pois o homem se rebaixaria à posição da mulher,

¹⁷ Priberam. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/fraternidade>>. Acesso em 24 maio 2017.

inferiorizada (SOUZA, 2010, p. 34). A homofobia se caracteriza, portanto, como o desprezo pelo feminino.

O conto é dedicado à memória de Rofran Fernandes, importante ator de novelas e teatro, dramaturgo e crítico. É o penúltimo conto do livro, com citação de dois versos de Walt Whitman, “So long!”, importante poeta estadunidense, homossexual, escreveu diversas poesias sobre o afeto entre dois homens. Divide-se em seis partes, conta a história de Raul e Saul, identificados como “aqueles dois”, que apesar do afeto mútuo entre ambos, acabam por se distanciar, saem do emprego no qual se conheceram e se aproximaram.

Raul tem 31 anos, vem de um casamento fracassado e sem filhos, ouve música e, quando está bêbado, toca violão e canta, principalmente boleros em espanhol. Ele veio do Norte do país. Saul tem 29 anos, teve um “noivado tão interminável que terminara um dia” (ABREU, 2005, p. 102), se frustrou no curso de arquitetura e, por isso, fica a desenhar rostos, com enormes olhos sem íris nem pupilas. Ele veio do Sul do país. Os dois gostam de cinema e trabalhavam na mesma repartição, no mesmo concurso e na mesma firma (p.102). Os dois se conhecem no primeiro dia de trabalho de ambos:

Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando. Tentaram afastar-se quase imediatamente, deliberando limitarem-se a um cotidiano oi, tudo bem ou no máximo, às sextas, um cordial bom-fim-de-semana-então. Mas desde o princípio alguma coisa - fados, astros, sinas, quem saberá? - conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois (ABREU, 2005, p. 102).

O narrador em terceira pessoa descreve os personagens e conta como ambos se conheceram, na primeira parte do conto. O narrador interfere no texto ao supor, desde o início, a história da aproximação entre os dois. O primeiro contato, como o narrador descreve, parece já haver uma coincidência e conexão muito além do que se vê:

Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra - talvez por isso, quem sabe? Mas nenhum deles se perguntou. Não chegaram a usar palavras como especial, diferente ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto. Acontece porém que não tinham preparo algum para dar nome às emoções, nem mesmo para tentar entendê-las (ABREU, 2005, p. 102).

Os dois moços não tinham ninguém na cidade, uma vez que se mudaram, Saul do Sul, Raul do Norte. Eram atraentes e atraíam os olhares das mulheres da repartição:

Eram dois moços bonitos, todos achavam. As mulheres da repartição, casadas, solteiras, ficaram nervosas quando eles surgiram, tão altos e altivos, comentou de olhos arregalados uma secretária (ABREU, 2005, p. 103).

Tinham uma postura correta, com um corpo em estado físico bom, nem parecendo os outros homens que ficavam “oito horas por dia” a carimbar ou datilografar (ABREU, 2008, p. 102). Raul, moreno de “barba forte azulando o rosto”, com uma voz baixa profunda; Saul, “parecia um pouco menor e mais frágil”, embora tivessem a mesma altura, com “cabelos claros e cheios de caracóis miúdos, olhos assustadiços, azul desmaiado” (ABREU, 2005, p. 103-104). Quando estavam juntos:

(...) os dois se apuravam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia (ABREU, 2005, p. 104).

Dessa forma, o narrador deixa claro a harmonia e conexão entre ambos, ainda que tenham demorado para se aproximar. A coincidência pelo nome, pelo aspecto físico, por começarem no mesmo trabalho no mesmo dia, faz com que a conexão entre os dois seja de uma potência que só irá se confirmar com o transcorrer dos acontecimentos do conto. Os dois constroem uma relação, primeiro a partir do silêncio cordial, depois comentam as banalidades - “o tempo ou a chatice do trabalho” (ABREU, 2005, p. 104).

Até um dia em que Saul chegou atrasado e respondendo a um vago que-que-houve contou que tinha ficado até tarde assistindo a um velho filme na televisão. Por educação, ou cumprindo um ritual, ou apenas para que o outro não se sentisse mal chegando quase às onze, apressado, barba por fazer, Raul deteve os dedos sobre o teclado da máquina e perguntou: que filme? *Infâmia* [*“The children’s hour”*, de William Wyler. Adaptação da peça de Lillian Hellmann]. contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLaine, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que. Abalado, convidou Saul para um café (...) (ABREU, 2005, p. 104).

Começam a se aproximar com o tema em comum: cinema. Os dois “falaram sem parar sobre o filme”, “outros filmes viriam nos dias seguintes” (ABREU, 2005, p. 104), e de alguma forma inevitável, “também vieram histórias pessoais, passados, alguns sonhos, pequenas esperanças e sobretudo queixas” (ABREU, 2005, p. 104). A partir de um tema em comum, os dois personagens estabelecem uma relação,

que trespassado pelo tema, começam a falar sobre assuntos pessoais, só não falaram “da falta um do outro que sequer sabiam claramente ter sentido” (ABREU, 2005, p. 105). O desejo de estarem juntos e de se encontrarem, vai se intensificando secretamente, até mesmo para os dois.

Em uma noite das esticadas providenciadas pelas moças da repartição, Raul fala a Raul sobre o casamento desfeito, ao passo que Saul, do noivado antigo. Entre cantos e sacadas, a se esquivar das moças, trocavam “suas histórias intermináveis”, assuntos pessoais (ABREU, 2005, p. 105):

E concordaram, bêbados, que estavam ambos cansados de todas as mulheres do mundo, suas tramas complicadas, suas exigências mesquinhas. Que gostavam de estar assim, agora, sós, donos de suas próprias vidas. Embora, isso não disseram, não soubessem o que fazer com elas (ABREU, 2005, p. 105).

O narrador, elemento importante ao dizer segredos inconfessáveis de ambos e apresenta ao leitor, os fatos e os desejos que eles escondem, inconsciente e socialmente, de todos os olhares atentos das pessoas da repartição. A aproximação acontece lentamente. Raul passou seu número de telefone a Saul e passam a se encontrarem aos fins de semana, na casa de um e de outro.

O olhar dos outros é representado pelas espiadas das moças da repartição, é elas que se fazem de investigativas em observarem a aproximação de Raul e Saul, “às vezes elas cochichavam sem que eles percebessem” (ABREU, 2005, p. 106). No dia em que chegam juntos à repartição, “cabelos molhados do chuveiro” (ABREU, 2005, p. 6), porque dormiram juntos, Saul no sofá, porque chovia, passam a observar com estranheza, também os funcionários:

Nesse dia as moças não falaram com eles. Os funcionários barrigudos e desalentados trocaram alguns olhares que os dois não saberiam compreender, se percebessem. Mas nada perceberam, nem os olhares nem duas ou três piadas enigmáticas (ABREU, 2005, p. 106).

Através do olhar dos outros, tanto das moças e dos funcionários da repartição, quanto do narrador, que se afirma a relação dos dois personagens, quando nem eles mesmos entendem ou confessam para si mesmos e para o outro, a conexão deles. A fraternidade aparente, dá espaço à aproximação mais íntima, que, somente com o olhar dos outros, que o leitor passa a entender. Saul e Raul desenvolvem uma homoafetividade, que está para além do ato sexual em si, até porque, não podemos afirmar se houve a concretização do desejo sexual entre ambos, embora sejam descritos gestos.

Quando começava a primavera, Saul fez aniversário. Porque achava seu amigo muito solitário ou por outra razão assim, Raul deu a ele a gaiola com Carlos Gardel. No começo do verão, foi a vez de Raul fazer aniversário. E porque estava sem dinheiro, porque seu amigo não tinha nada nas paredes da quitinete, Saul deu a ele a reprodução de Van Gogh. Mas entre esses dois aniversários, aconteceu alguma coisa (ABREU, 2005, p. 106-107).

Enquanto os dois personagens se aproximam e se relacionam homoafetivamente, conforme as características e contextualizações tratadas no subitem 2.3, torna mais evidente a homofobia dos outros, principalmente representada pelas moças e pelos funcionários da repartição. Por isso, Oliveira (2016) afirma que o conto reflete, mais do que tudo, “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p. 7).

E teve um sonho: caminhava entre as pessoas da repartição, todas de preto, acusadoras. À exceção de Raul, todo de branco, abrindo os braços para ele. Abraçados fortemente, e tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro. Acordou pensando estranho, ele é que devia estar de luto (ABREU, 2005, p. 107).

Quando Raul passou uma semana fora do trabalho por ocasião da morte de sua mãe no Norte, Saul sonha ele. Além disso, as pessoas da repartição, todas vestidas de roupas pretas, aparecem “acusadoras”. A estranheza é provocada pelo fato de Raul estar “todo de branco” enquanto as pessoas da repartição estão “todas de preto”, ao contrário do amplo gesto de carinho de Raul, com os braços aberto pra ele, se abraçam fortemente e ficam “tão próximos que um podia sentir o cheiro do outro”. O sonho de Saul revela o desejo homoafetivo entre os dois, além de evidenciar os olhares acusatórios das pessoas da repartição, declarando enorme aversão à relação homoafetiva dos dois.

O desejo homoafetivo de ambos se revela com o retorno de Raul. Eles se encontram na casa de Raul, que encontra-se com aparência desolada, com um tom de voz “ainda mais baixa e mais profunda”, com barba para fazer e falava sobre a sua mãe. A despedida descreve o gesto próximo dos dois, a partir de um abraço longo, repleto de carinho:

Quando Saul estava indo embora, começou a chorar. Sem saber ao certo o que fazia, Saul estendeu a mão, e quando percebeu seus dedos tinham tocado a barba crescida de Raul. Sem tempo para compreenderem, abraçaram-se fortemente. E tão próximos ficaram que um podia sentir o cheiro do outro: o de Raul, flor murcha, gaveta fechada; o de Saul, colônia de barba, talco. Durou muito tempo. A mão de Saul tocava a barba de Raul, que passava os dedos pelos caracóis miúdos do cabelo do outro. Não diziam nada. No silêncio era possível ouvir uma torneira pingando longe. Tanto tempo durou aquilo que, quando Saul levou a mão ao cinzeiro, o cigarro era apenas uma longa cinza que ele esmagou sem compreender (ABREU, 2005, p. 107).

O abraço demorado os, na primeira vez, tão próximos que o cheiro de um é misturado ao cheiro do outro. O cheiro também simboliza a diferença de suas personalidades: “flor murcha, gaveta fechada” e “colônia de barba, talco”. O abraço real é parecido ao do sonho de Saul, menos que o fazem em ambiente privado, no apartamento de Raul, o oposto dos olhares inquisidores na repartição. Após o abraço, tão largo e próximo, o diálogo estende o enorme vínculo afetivo entre os dois:

Afastaram-se, então. Raul disse qualquer coisa como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes - ninguém, mundo, sempre - e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e choro e álcool (ABREU, 2005, p. 107-108).

Qualquer coisa do indizível, porém secreto, vai ganhando corpo em Raul e Saul. Chega o final do ano e eles passam juntos, Natal e Ano Novo. Trocam presentes - “Raul deu a Saul uma reprodução do *Nascimento de Vênus* de Botticelli (...) Saul deu a Raul um disco chamado *Os grandes sucessos de Dalva de Oliveira*” (ABREU, 2008, p. 108) - e escutam a faixa em que repetem e cantam “até nossos beijos parecem beijos de quem nunca amou” (ABREU, 2005, p. 108). Até chegar o dia 31, virada do ano, que estabelece uma nova conexão entre os dois: a do erotismo.

A sexta e última parte do conto, Raul e Saul bebem e brindam “à nossa amizade que nunca vai terminar” (ABREU, 2005, p. 108). Voltam para a casa, trocam a roupa no banheiro, bêbados, e Saul fala que vai dormir nu: “Raul olhou para ele e disse você tem um corpo bonito. Você também, disse Saul, e baixou os olhos” (ABREU, 2008, p. 108). Os dois dormem nus e, no escuro do quarto e da sala, só se enxerga a brasa dos cigarros a noite toda. No parágrafo, os dois olham o corpo nu um do outro, se desejam, mas não sabem o que fazer com isso, Saul sai pela manhã para que Raul não visse suas olheiras profundas porque não conseguiu dormir a noite toda. Os dois se desejam, dois corpos nus, eróticos, muito próximos, mas algo os impede de concretizar alguma ação. E é por conta desse impedimento, que Júnior, afirma a dualidade na relação dos dois:

A relação vivida entre Raul e Saul é vista sob dois ângulos: aquela construída entre os dois, através dos sentimentos e do compartilhar determinadas afinidades (“Não chegaram a usar palavras como especial, diferente ou qualquer outra assim. Apesar de, sem efusões, terem se reconhecido no primeiro segundo do primeiro minuto” – p. 133), e outra, “imaginada” pelos sujeitos homofóbicos, que a difundem em seus cochichos

e maledicências, quando trazem, para o interior do ambiente de trabalho, a ação metafórica da praça pública (2006, p. 48).

Por isso, que logo depois, o conto fala sobre as cartas anônimas recebidas pelo chefe da repartição. Os funcionários, que antes só olhavam, comentavam baixo, com risadinhas, são suspeitos de fazerem a denúncia da relação entre os dois. Aqueles dois, adquire um teor pejorativo, visto que os acusam de serem anormais, desavergonhados, aberrações, doentes etc., todos termos que estavam relacionados à homossexualidade, construída histórica e socialmente, conforme debatido neste trabalho.

(...) ficaram surpresos naquela manhã em que o chefe de seção os chamou, perto do meio-dia. Fazia muito calor. Suarento, o chefe foi direto ao assunto: tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral (ABREU, 2005, p. 108).

Interessante notar que, o sonho de Saul se torna realidade através da carta anônima que denuncia a “relação anormal e ostensiva” dos dois, enquanto saem sob olhares acusatórios de seus algozes, os funcionários da repartição. A autoria anônima assina como o “Um Atento Guardião da Moral”, demonstrando a homofobia de algum dos funcionários, enquanto guardião da moral. A moral citada, se relaciona ao Decreto de Lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que tratava sobre a censura dos meios de comunicação:

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação¹⁸.

A lei penalizava qualquer ação civil considerada imoral, principalmente com teor sexual. Na sociedade heteronormativa, a homossexualidade era entendida como contrária à moralidade que a Ditadura Militar propagava. O “Um Atento Guardião da Moral”, observa, de longe, uma vez que se coloca enquanto um observador da relação entre os dois. Júnior (2006) entende que o guardião, ou ainda um grupo de pessoas, levanta a discussão do *público x privado*. As cartas anônimas revelam um segredo privado, até mesmo para os dois, e tornam público o desejo de ambos:

A patrulha moral explicitada nas cartas anônimas diz mais do que pretende: revela o óbvio não assumido como tal (o amor entre pessoas

¹⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del1077.htm>. Acesso em: 09 jun. 2017.

homoeroticamente inclinadas), o que todos sabem e não querem ou conseguem admitir, já que isso lhes custaria assumir a diferença em si como convivência natural e como interlocução cultural possível. O que deve ser evitado, segundo os regimes ditatoriais ou baseados em rígidos padrões de conduta (JÚNIOR, 2006, p. 48).

Os padrões de conduta a serem seguidos são os heteronormativos, esperava-se de Raul e Saul, ambos sem traços feminilizados, que exercessem suas funções, sem qualquer relação íntima. Talvez só fosse aceitável se fosse com outra mulher da repartição, mas isso não é dito explicitamente, nem pelo chefe da repartição.

O chefe da repartição, superior hierarquicamente, defende a reputação da firma e a moral dos funcionários, por isso, aceita as acusações da carta anônima e os demite. A única defesa proferida é a de Raul, que além de se levantar “de um salto”, só consegue dizer “nunca”. Com isso, a revelação para ambos de sua relação é vista através do olhar dos outros, do “Um Guardião da Moral”, do chefe da repartição. O segredo velado, até mesmo para ambos, é tornado público por meio de acusações e, como consequência, os dois são demitidos. É interessante notar que a reação dos dois é diferente, enquanto Saul abaixa a cabeça, Raul só consegue dizer “a palavra nunca”. Para os dois, as acusações revelam um segredo de ambos e que, tentaram deixá-lo no aspecto privado da vida deles, por isso, que ou a reação é silenciosa, porém afirmativa (Saul), ou é reativa, ao dizer a palavra nunca junto com um gesto rápido e firme.

Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro do amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-dos-meus-funcionários, declarasse frio: os senhores estão despedidos (ABREU, 2005, p. 108).

Mas um gesto, quase imperceptível, revela também a afetividade existente entre ambos, quando Raul apoia uma das mãos “no ombro do amigo” (ABREU, 2005, p. 108). Pois é, por meio desse mecanismo, a da homoafetividade, que a relação dos dois vai se tornando mais íntima, o que leva, ao estreitamento e evidência do homoerotismo. Segundo Júnior (2006), ao analisar a obra de Caio Fernando Abreu, o conto revela que a dualidade entre revelação e ocultação se dá por meio:

(...) de um elemento não interiorizado pela violência (que retorna em forma de recalque auto-punitivo nos demais exemplos que analisei) em direção à

violência simbólica externa, codificada no ambiente de trabalho (JÚNIOR, 2006, p. 46).

A homofobia, portanto, é representada tanto pelo próprio espaço de trabalho, a repartição, o público, quando pelas pessoas que o compõem, os funcionários, as moças da repartição, o chefe. O ambiente possui uma linguagem *heteronormativizada*, composto por um léxico que “impõe modos de pensar e de agir a todos que ali estão presentes, e que reverbera uma estrutura binária nas relações entre gêneros” (JÚNIOR, 2006, p. 46). Tanto é assim, que a repartição serve de comparação à estruturas disciplinados, como uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária:

Mas quando saíram pela porta daquele prédio grande e antigo, parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária, vistos de cima pelos colegas todos nas janelas, a camisa branca de um e a azul do outro, estavam ainda mais altos e mais altivos. Demoraram alguns minutos na frente do edifício. Depois apanharam o mesmo táxi, Raul abrindo a porta para que Saul entrasse (ABREU, 2005, p. 108).

Os dois saem altivos, em silêncio, enquanto os funcionários continuam a observar os dois, os olhando das janelas, enquanto entram juntos no mesmo táxi. O narrador termina o conto falando dos funcionários, homofóbicos e acusatórios, falando o quanto foram infelizes por suas ações repressoras:

Ai-ai! alguém gritou da janela. Mas eles não ouviram, O táxi já tinha dobrado a esquina. Pelas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram (ABREU, 2005, p. 108).

Aos funcionários só lhes cabe não conseguirem mais “trabalhar em paz”, sendo “infelizes para sempre” (ABREU, 2005, p. 108). O relacionamento de Raul e Saul é retratado com “empatia e delicadeza”, “enquanto apresenta de forma crítica e negativa os seres destituídos de alma e felicidade” (OLIVEIRA, 2016, p. 6).

Desse modo, o conto “Aqueles dois” retrata, além da homoafetividade e do homoerotismo entre Raul e Saul, bem mais trata sobre as consequências sociais desse envolvimento entre ambos, especificamente, no ambiente de trabalho. E é neste ambiente, que primeiramente os aproxima por não se identificarem com os outros indivíduos, o espaço performa o espaço público, dotado de repressões, censuras e acusações, evidenciando a homofobia presente na sociedade.

3. Impossibilidades do percurso

Durante o percurso proposto de análise dos três termos e a análise dos dois contos, se mostrou a necessidade de um estudo mais amplo sobre a homoafetividade. Nos diversos vieses de saberes produzidos historicamente, bem como as práticas adotadas socialmente para os indivíduos inclinados homoeroticamente, o aspecto afetivo, cada vez mais em evidência por mudanças nos costumes, nas leis, nos aparatos científicos (psicologia, medicina, sociologia, antropologia), nas representações sociais do que é aceitável no tempos atuais, deve ser abordado para garantir uma ampliação de atuação e subjetividade dos indivíduos. Para Júnior (2006), a homoafetividade trata sobre as ações subentendidas de modo a fazer crescer uma aproximação da pessoa desejada:

No universo homoafetivo, são possíveis e desejados os olhares trocados, as palavras subentendidas ou intencionalmente suspensas, de modo a favorecer o surgimento de uma constante ansiedade pela aproximação do Outro. O ato sexual em si, mesmo que sua sombra permeie cada discurso homoafetivamente construído, não precisa necessariamente ser consumado (JÚNIOR, 2006, p. 18).

Com o transcorrer do trabalho, nas discussões mais aprofundadas sobre os conceitos de homoerotismo, homossexualidade e homoafetividade, mais evidente esses traços aparecem e se apresentam nos contos analisados.

(...) cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se. Sobreleva-se ao poder público; exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos (FOUCAULT, 2009, p. 27).

Se analisarmos os segredos contidos nos três eixos discutidos neste trabalho, bem como nos apresentados pelos dois contos, podemos tratar sobre as questões sexuais e subjacentes (homoerotismo e homoafetividade), em dois sentidos, conforme trata Foucault, “de interrogatório e de problematização” e outro, da “existência de confissão e de integração a um campo de racionalização” (p. 68). Portanto, a verdade é requisitada para ser decifrada e, em um segundo momento, o outro exige sua própria verdade, “profundamente oculta, desta verdade de nós mesmos que acreditamos possua em imediata consciência” (2009, p. 68).

A leitura do artigo de Mário César Lugarinho (2010), "Direitos Humanos e Estudos Gays e Lésbicos: O que Nós e Michel Foucault Temos a Ver com Isso?", afirma a importância de artes pautadas para os estudos gays e lésbicos. No sentido

geral, a arte deve unir a estética e o sentido, comprometendo os discursos e libertem o indivíduo, participante de uma relação complexa de poder e em sua interação com a sociedade, da força conservadora da mesma sociedade:

A arte pela arte só poderá ser compreendida como momento de experimentação e invenção de procedimentos capazes de libertar os sentidos das forças conservadoras que o aprisionam na manutenção do *status quo* (LUGARINHO, 2010, p. 64).

Através de uma reflexão que leia, interprete, problematize e desconstrua “algumas obras de arte em um contexto diverso do que aquele que a crítica costuma ler” (LUGARINHO, 2010, p. 67) que estaremos abandonando os:

(...) critérios estipulados por uma história interna da literatura e da arte e nos dirigirmos para as lições tardias do formalismo russo, (...), recuperaremos formas vigorosas do pensamento crítico que deslocam a atenção do intrinsecamente literário para a compreensão de que as formas de representação da cultura, são, na verdade, modos de interpretação da cultura que problematizam, sobretudo, o *status quo*. Sem sombra de dúvida, tal procedimento crítico coloca em evidência o caráter revolucionário e excêntrico de toda obra de arte (...) (LUGARINHO, 2010, p. 67).

Os dois contos analisados, bem como outros presentes na antologia “Morangos Mofados” (2008) de Caio Fernando Abreu, possuem sentidos que ressignificam os eixos da homossexualidade, do homoerotismo e da homoafetividade. No caso dos dois analisados neste trabalho, tanto a consciência do homoerotismo e da homossexualidade da personagem feminina, lésbica, e do masculino, gay, quanto a relação homoerótica e homoafetiva entre dois homens e seus desdobramentos sociais, redirecionam os estudos sociais e tornam matéria da literatura os temas abordados.

A narrativa homossexual, permeada por segredos, confissões, doenças, isolamento e repressões, foi silenciada por discursos homogêneos, heteronormativos e homofóbicos, deve ser subvertida, para dar lugar à voz e representações dos indivíduos que foram colocados contra essa força normalizadora:

O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem se, introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas regras (FOUCAULT, 2009, p. 46).

Desse modo, tornar direito a vivência e subjetividade homossexual, homoerótica e homoafetiva, é compreender a complexa rede de forças de poder de

nossa sociedade, além de tornar viáveis a produção de novos saberes e novas práticas para que LGBTs tenham a garantia de seu exercício realizável e integral.

Caio Fernando Abreu constrói personagens que extrapolam a heteronormatividade como reação à ela. Por isso, Júnior sustenta que sua poética é configurada pelo determinante da sexualidade, o tornando “um ‘inventor’ de um modo específico – e homoerótico – de dizer a afetividade, muito mais que um narrador de seu tempo, porque recria esses conceitos, “no intuito de uma desidentificação. De uma des-identidade” (JÚNIOR, 2006, p. 240-241).

4. Considerações finais

Por fim, a revisão de saberes e práticas histórica e socialmente construídas, oportuniza que as artes, a literatura e até mesmo a crítica literária e social promova os direitos humanos enquanto ações concretas. Com isso, tornar efetivos os direitos LGBTs, enquanto grupo constituído na sociedade e os indivíduos subjetivos, se fazem necessários.

Terminamos o presente trabalho com o trecho de Lugarinho, que elaborou um trecho dotado de potencialidades para a cultura LGBT como um todo:

Ações isoladas e mesmo coletivas não conseguiram ainda estabelecer formas homogêneas de ação dos aparelhos estatais e tampouco dos aparelhos sociais e culturais. Tudo parece um jogo de cena. Como o da ditadura do Estado novo português diante da Carta da ONU, construímos a maior passeata gay do mundo, mas seus efeitos são invisíveis no dia seguinte. Preferimos a festa ao massacrante cotidiano da luta pela emancipação social e política. Pensamos na visibilidade da comunidade, festiva e celebrativa, mas deixamos de lado a visibilidade do indivíduo, que é seu direito incontornável de cidadania (LUGARINHO, 2010, p. 69).

5. Bibliografia

ABREU, Caio Fernando. "A mais justa das saias". Em: **Pequenas epifanias**. São Paulo: Agir Singular, 2006. Disponível em: <<http://caiofabreu.blogspot.com.br/2010/09/mais-justa-das-saias.html>>. Acesso em: 13 maio 2017.

_____. "Aqueles dois", "Os sobreviventes (Para ouvir ao som de Ângela Ro-Ro)". Em: **Morangos Mofados**. São Paulo: Agir Singular, 2005. Disponível em: <<http://xa.yimg.com/kq/groups/18176607/1365907179/name/ABREU,+Caio+Fernando+-+Morangos+mofados.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. "Há Margem: Conto Tudo". **Correio do Povo**, Curitiba, 28 fev. 1976. Cópia digital do projeto Delfos Digital da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Disponível em: <<http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/bitstream/delfos/934/1/000047364-10.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

ALOS, Anselmo Peres. Gênero e ambivalência sexual na ficção de Caio Fernando Abreu: um olhar oblíquo sobre Onde andarás Dulce Veiga?. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília, 2012, n. 40, p.177-204, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182012000200012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 abr. 2017.

BORGES, KLECIUS. **Muito Além do Arco-íris: Amor, Sexo e Relacionamentos na Terapia Homoafetiva**. São Paulo: Edição GLS, 2013.

_____. **Terapia afirmativa**: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais. São Paulo: GLS, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=b-DCwAAQBAJ&pg=PT15&lpg=PT15&dq=terapia+afirmativa&source=bl&ots=HsEKnGf8Db&sig=G3F6EF3e-CjCABg6c45gWrZWaz4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwj57N3Ns4vUAhVCOZAKHYP3Cv44ChDoAQhLMac#v=onepage&q=terapia%20afirmativa&f=false>>. Acesso em: 25 maio 2017.

BRASIL. Ato Institucional nº 5, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1968. Casa Civil, Brasília, 13 dez. 1968. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-05-68.htm>. Acesso em: 31 maio 2017.

CITELI, Maria Teresa. **A pesquisa sobre sexualidade e direitos sexuais no Brasil (1990-2002)**: revisão crítica. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005. Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/47049/1/8589737039.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2017.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/fraternidade>>. Acesso em: 24 maio 2017.

ESPERANÇA, Clarice. Metáforas dos anos 80: sobre Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu. **Textura**, Canoas, n.18, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/748/570>>. Acesso em: 15 maio 2017.

FONSECA, Maria Carolina Bellico. União e destruição - duas faces do amor. **Reverso**, Belo Horizonte, v.34, n. 64, dez. 2012. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952012000300009>. Acesso em: 14 abr. 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade** - Vol. 1: A Vontade de Saber. São Paulo: Graal, 2009.

_____. **História da Sexualidade** - Vol. 2: O uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 2009.

FUNDAÇÃO Bunge. **Uma História de Orgulho**. Jornal Cidadania, ed. online 12, abr. 2013. Disponível em: <http://www.fundacaobunge.org.br/jornal-cidadania/materia.php?id=12423&/uma_historia_de_orgulho>. Acesso em: 09 jun. 2017.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. RAPOSO, Maria Célia Santos (Trad.). Petrópolis: Vozes, 1985. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B2yP5GLcIRlyUU5UVWtueTZKNG8/view>>. Acesso em: 01 jun. 2017.

JÚNIOR, Luiz Fernando Lima Braga. **Caio Fernando Abreu: Narrativa e Homoerotismo**. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6VYHZR/tese_luiz_fernando.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 jun. 2017.

LAMPIÃO da Esquina. **Projeto do Grupo Dignidade**, ONG de Curitiba. Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>>. Acesso em: 31 maio 2017.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, jun. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382011000100003>. Acesso em: 14 abr. 2017.

LUGARINHO, Mário César. "Direitos Humanos e Estudos Gays e Lésbicos: O que Nós e Michel Foucault Temos a Ver com Isso?". COSTA, Horácio (Org.). **Retratos do Brasil Homossexual: Fronteiras, Subjetividades e Desejos**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010. p. 61-70.

MASSA, Clóvis Dias. Um Dínamo Revolucionário: Grupo De Teatro Província. **Mouseion**, n.16, p. 9, Canoas, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/viewFile/1331/1002>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MEMÓRIAS da Ditadura. **Instituto Vladimir Herzog**. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt>>. Acesso em: 31 maio 2017.

MENDES, Sandra Magrini Ferreira. Homossexualidade: A concepção de Michel Foucault em contraponto ao conhecimento neurofisiológico do século XXI. **Revista de Psicologia**, São Paulo, v. 11, n. 16, 2007. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/view/2574>>. Acesso em: 14 abr. 2017.

MOITA, Maria Gabriela Martins de Nóbrega. **Discurso sobre a homossexualidade no contexto clínico** : a homossexualidade de dois lados do espelho. Porto: Edição do Autor, 2001. Disponível em: <http://catalogo.up.pt/F?func=find-b&local_base=UPB01&find_code=SYS&request=000088381>. Acesso em: 08 maio de 2017.

PEREIRA, Valéria de Freitas. **Caio Fernando Abreu em Inventário do irremediável**: navegante de águas turvas. 2008. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-12022009-123615/publico/DISSERTACAO_VALERIA_FREITAS_PEREIRA.pdf>. Acesso em 15 maio 2017.

ROFRAN Fernandes. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa401010/rofran-fernandes>>. Acesso em: 26 maio 2017.

ROTELLO, Gabriel. **Comportamento sexual e AIDS**: a cultura gay em transformação. MACHADO, Lauro (Trad.). São Paulo: Summus, 1998. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=pP612O3mwPEC&pg=PA73&lpg=PA73&dq=fraternidade+masculina&source=bl&ots=73eVgWiAoJ&sig=E5ZCjuJLb5cu8iWDHDYouejXcTw&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiw2f6dzonUAhVMH5AKHQgNBGk4FBD0AQgwMAM#v=onepage&q=fraternidade%20masculina&f=false>>. Acesso em: 24 maio 2017.

Souza, Warley Matias de. **Literatura homoerótica [manuscrito]** : o homoerotismo em seis narrativas brasileiras. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-8BRF39/literatura_homoer_tica_disserta_o_de_mestrado_.pdf?sequence=1>. Acesso em 13 maio 2017.

WAAR, Hanna. Entrevista com Jacques-Alain Miller. **Psychologies Magazine**, n. 278, out. 2008. BATISTA, Maria do Carmo Dias (Trad.). Disponível em: <<https://psicanaliseblog.com.br/2015/05/11/amor-e-psicanalise/>>. Acesso em: 05 maio 2017.